

# De Bruckner a Carlos Gardel

São Carlos em andamento

LISBOA 26 DE MAI 19H  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

**opart**  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE

**TNSC**  
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



# Academia das Ciências de Lisboa

26 de maio de 2026, às 19h00

Apresentação do concerto pela musicóloga  
Isabel Pina

## *De Bruckner a Carlos Gardel*

**ANTON BRUCKNER (1824-1896)**

*Locus iste, WAB 23* (arranj. Orfeo Mandozzi)

**LUIGI FORINO (1868-1936)**

*Pregchiere per quattro violoncelli, Op. 27, n.º 3*

**DAVID POPPER (1843-1913)**

*Gavotte n.º 2 em Ré Maior, Op. 23* (arranj. David Johnstone)

**ANTONÍN DVOŘÁK (1841-1904)**

*Mazurka, Op. 56, n.º 3*

**GABRIEL FAURÉ (1845-1924)**

*Pavane, Op. 50*

**GEORGES BIZET (1838-1875)**

*Carmen, Abertura* (arranj. David Johnstone)

**DAVID JOHNSTONE (n. 1959)**

*Rossini Rhapsody* (melodias de Aberturas de óperas de Rossini,  
preparadas para um quarteto de violoncelos)

**DMITRI CHOSTAKOVITCH (1906-1975)**

*Suite for Variety Orchestra, Waltz n.º 2* (arranj. Ewen Tsai)

**TOM JOBIM (1927-1994)**

*Luiza*

**PIXINGUINHA (1897-1973)**

*Carinhoso* (arranj. Geraldo B. Souza)

**CARLOS GARDEL (1890-1935)**

*Por una cabeza* (arranj. Irina Lazaryeva)

---

*Violoncelos* Ajda Zupančič, João Matos,  
Luís Clode, Alexandre Alvarez

Duração aproximada: 60 minutos

Este é um concerto de câmara, de quarteto de cordas, no sentido mais lato do termo – é, sem dúvida, um concerto por um agrupamento de quatro instrumentistas de cordas, neste caso, de quatro violoncelistas. Porém, se nos aventurarmos pela história do quarteto de cordas, não é essa a formação que estará na sua origem. Aliás, só uma pequena parte deste concerto será feito da forma como foi concebido. O conceito de quarteto de cordas é desafiado, o repertório para este tipo de formação é alargado, com arranjos para quatro violoncelos de obras do repertório clássico, e a própria ideia de música clássica ou de música erudita é questionada, na medida em que serão apresentados, para uma formação tradicionalmente erudita, arranjos de obras de outros géneros musicais, como a música popular brasileira ou o tango. Neste contexto e neste sentido, consideramos que a obra não é imutável; qualquer música convida à sua reapropriação, readaptação, reescrita, enriquecendo-se de novos significados em novos tempos e em novos arranjos.

Foquemo-nos, primeiramente, no questionamento do conceito de «quarteto de cordas», hoje levemente abalado pela apresentação de um quarteto de violoncelos. O quarteto de cordas como melhor o identificamos (uma formação de quatro músicos, com dois violinos, uma viola e um violoncelo) é, na sua origem, um género *per se*, cristalizado na época clássico-romântica como o género mais nobre da música de câmara, ou seja, de música íntima, para pequenas formações, com uma fórmula semelhante à da sinfonia, canonizada na mesma época – dois violinos, uma viola e um violoncelo executam peças em quatro andamentos (um andamento rápido, um andamento lento, um minueto e um andamento rápido). De certa forma, o quarteto é a versão contida da sinfonia clássico-romântica, não só pela orga-

nização e ordenação dos andamentos, como também pela utilização no primeiro e, por vezes, no quarto andamento da forma-sonata – dois temas contrastantes, que são apresentados num primeiro momento, são depois desenvolvidos, desvirtuados, desmembrados, para depois regressarem na sua formulação primeira, na tonalidade central da obra.

Dentro desta tradição clássico-romântica, destaca-se a chamada Primeira Escola de Viena (Haydn, Mozart e Beethoven), tendo este último levado o género do quarteto de cordas a patamares talvez inesperados, com ímpetos de modernidade motivados talvez por desejos de desenvolvimento do género, ou alavancados quiçá por uma crescente degradação da saúde do compositor. Outros se lhes seguiram, depois de um período de parco entusiasmo com a formação ou o género – Arnold Schönberg (1874-1951), Béla Bartók (1881-1945) e Dmitri Chostakovitch (1906-1975); em Portugal, Luís de Freitas Branco (1890-1955), Fernando Lopes-Graça (1906-1994) e Joly Braga Santos (1924-1988), entre muitos outros que, no século XX, investiram na demanda de conferir uma nova roupagem ao quarteto de cordas, à luz de novas ideias. O quarteto de violoncelos, tal como outras variações, surgirá como iteração da disposição clássico-romântica, tendo concitado a atenção de alguns compositores que escreveram especificamente para quatro violoncelos.

Será esse o caso da *Preghiere per quattro violoncelli*, de Luigi Forino (1868-1936), que terá como motivo uma oração de S. Francisco de Assis, coligida com outras por um autor anónimo entre os séculos XIII e XIV – nesta *preghiera*, S. Francisco de Assis dirige-se às pombas como símbolos de pureza e fidelidade. Do mesmo modo, a *Mazurka n.º 3* do Opus 56 de Antonín Dvořák (1841-1904) foi composta para quatro violoncelos, fazendo parte de uma coletânea

de seis mazurcas compostas para diferentes agrupamentos instrumentais. Todas as restantes obras do programa não foram originalmente compostas para esta formação, tendo sido arranjadas para violoncelos posteriormente à sua conceção.

O concerto abre com *Locus iste* de Anton Bruckner (1824-1896), compositor romântico mais conhecido como sinfonista e como compositor de música sacra. Originalmente composta para coro (soprano, alto, tenor, baixo) *a cappella*, *Locus iste* é um motete sacro a partir do gradual latino usado frequentemente na celebração do aniversário da dedicação de igrejas e catedrais, sendo «Locus iste a Deo factus est» traduzível para «Este local foi feito por Deus».

Já a *Gavotte n.º 2* do também romântico David Popper (1843-1913) foi originalmente composta para violoncelo e piano. David Popper, violoncelista com grande notoriedade na segunda metade do século XIX que percorreu a Europa, no campo da criação dedicou-se quase exclusivamente à composição para violoncelo, tendo em vista a sua própria interpretação enquanto solista. Neste arranjo, o acompanhamento do piano é desdobrado por vários instrumentos, e o elemento do solo dilui-se.

A *Pavane* Opus 50 de Gabriel Fauré (1845-1924) conhece inúmeras versões – primeiro composta para piano, considerando a carreira do próprio Fauré como pianista e organista, rapidamente se tornou mais célebre pela sua versão para orquestra com ou sem coro. Uma das obras mais famosas de Fauré quase desde o momento da sua estreia tinha como objetivo ser cantada e dançada. Foi, inclusivamente, coreografada em 1917 para os Ballets Russes e serviu de modelo para compositores que, um pouco mais tarde, se seguiram, como Debussy (1862-1918) ou Ravel (1875-1937), e aproveitada para um sem-número de formações de câmara.

As obras seguintes, de responsabilidade última de David Johnstone, compositor e arranjador sobretudo para agrupamentos de cordas, são arranjos de música operática – em primeiro lugar, um arranjo da abertura da ópera *Carmen* de Georges Bizet (1838-1875), seguindo-se um *medley* de melodias de várias aberturas de óperas de Gioacchino Rossini (1792-1868).

De Dmitri Chostakovitch, a *Valsa n.º 2* da *Suíte para orquestra de variedades* (erroneamente conhecida durante muitos anos como *Suíte para orquestra de jazz n.º 2*) foi composta como parte da banda sonora de *Pervyi eshelon* de Mikhail Kalatozov (1903-1973), como muitas das suas obras (terá composto para cerca de quarenta filmes). O sétimo dos oito números da suíte, a *Valsa n.º 2*, tornou-se uma das páginas mais conhecidas e reproduzidas de Chostakovitch, largando por vezes o contexto de orquestra de variedades (assim chamada pela presença de instrumentos não habitualmente presentes na orquestra, como saxofone, guitarra, acordeão) e sendo aproveitada para outros tipos de formações instrumentais. Seguindo uma tradicional forma ABA, a valsa foge ao comum não só pela instrumentação, mas também pelo contraste de uma melodia suave com o peso irónico da marcação do compasso ternário, criando uma atmosfera informal, talvez desequilibrada, talvez sensual, que nos leva facilmente para a sua utilização em *Eyes Wide Shut* (1999) de Stanley Kubrik (1928-1999).

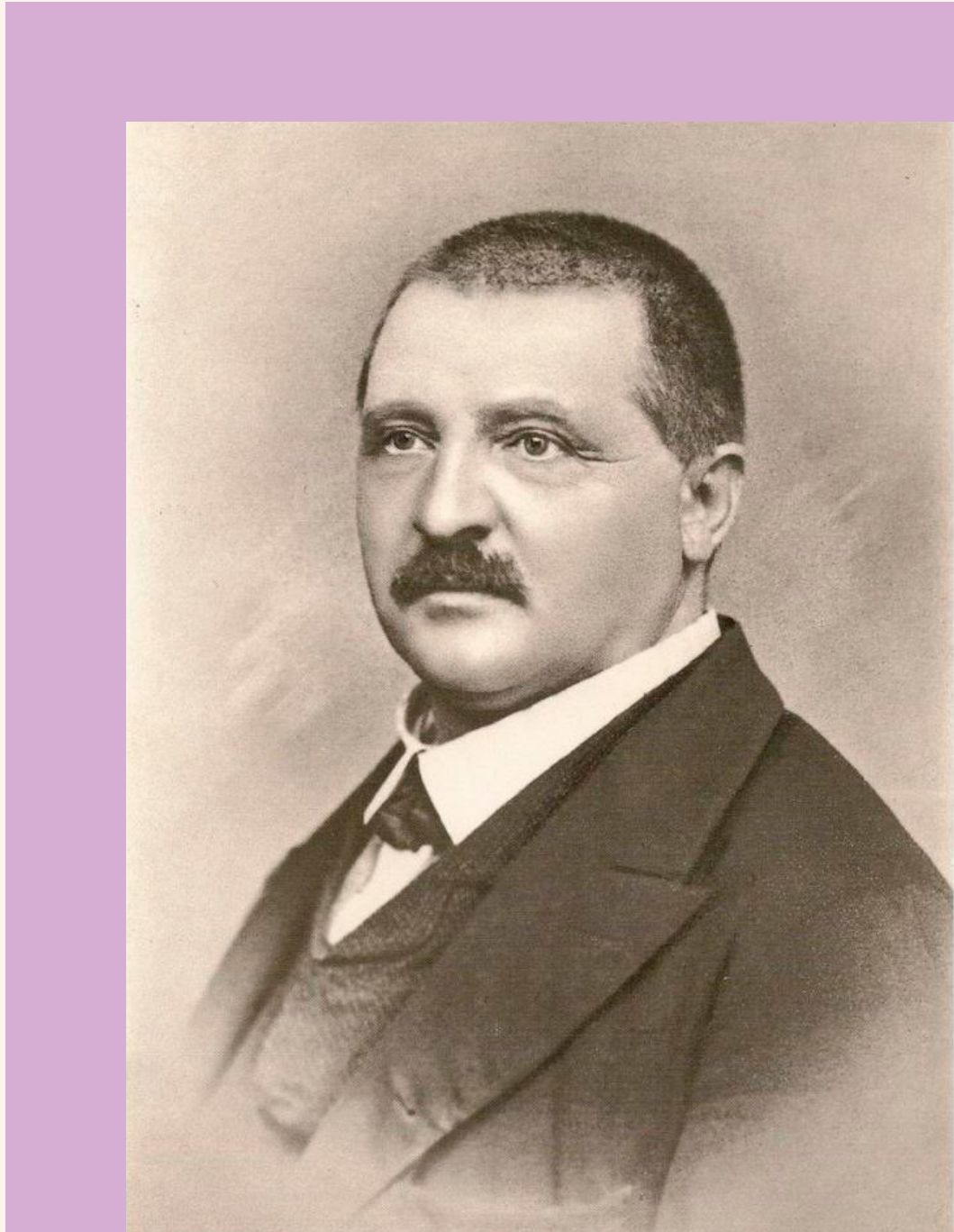
O concerto termina com mais três escapes à música erudita ocidental. Em arranjos para quatro violoncelos de música popular brasileira, temos *Luiza* de Tom Jobim (1927-1994), canção de amor originalmente acompanhada a piano, de 1981, e editada em álbum em 1982, seguindo-se *Carinhoso* de Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna Filho, 1897-1973),

composta em 1916-17, originalmente sem letra, sendo considerada hoje um dos grandes símbolos do choro e uma das músicas brasileiras mais gravadas internacionalmente. Por fim, uma versão do tango *Por una cabeza* do (naturalizado) argentino Carlos Gardel (1890-1935) leva-nos de novo para a dança, numa versão obviamente sem palavras de um dos tangos mais conhecidos, mais mediatizados e mais dançados de Carlos Gardel.

Isabel Pina  
Musicóloga

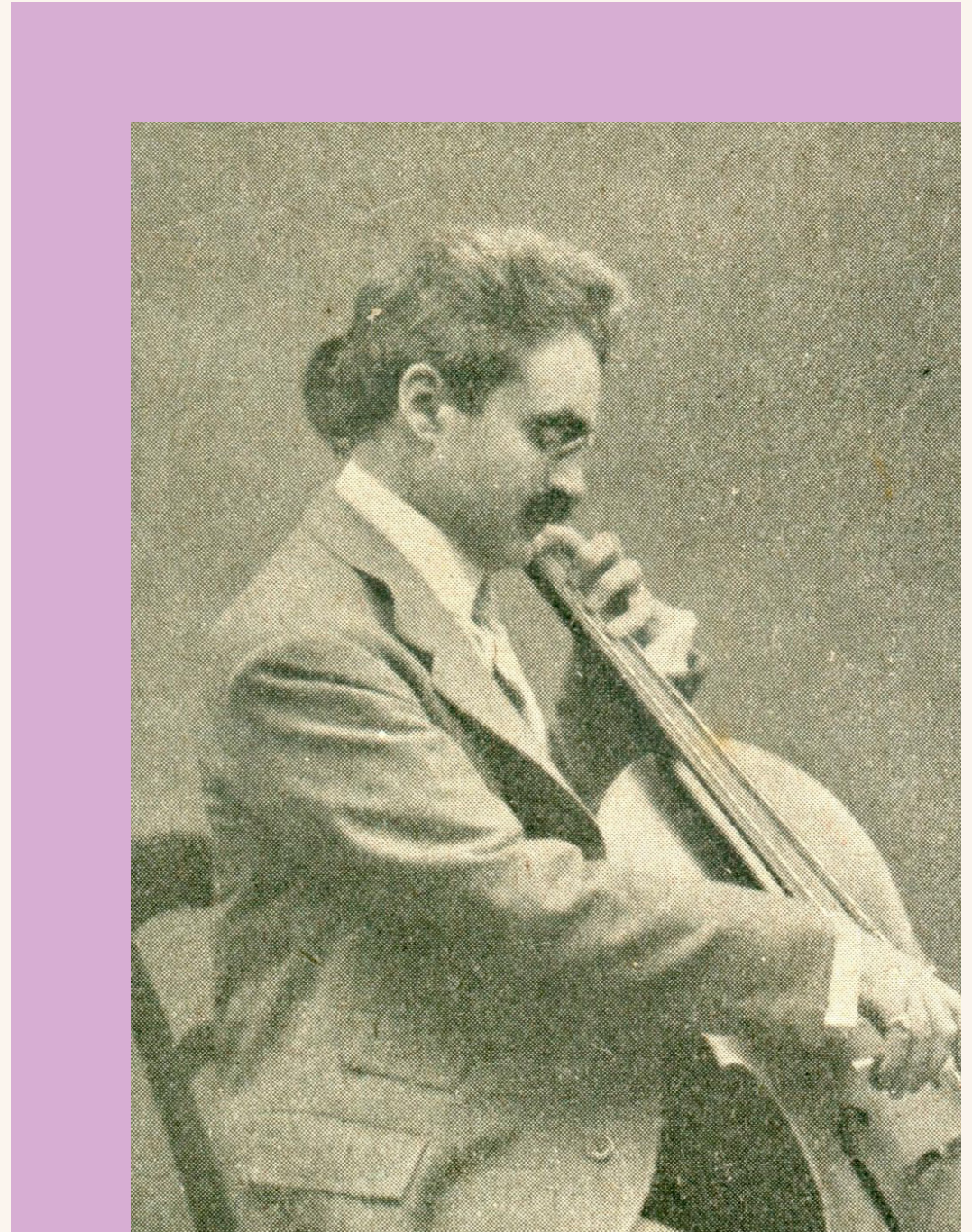
# Anton Bruckner

(1824-1896)



# Luigi Forino

(1868-1936)



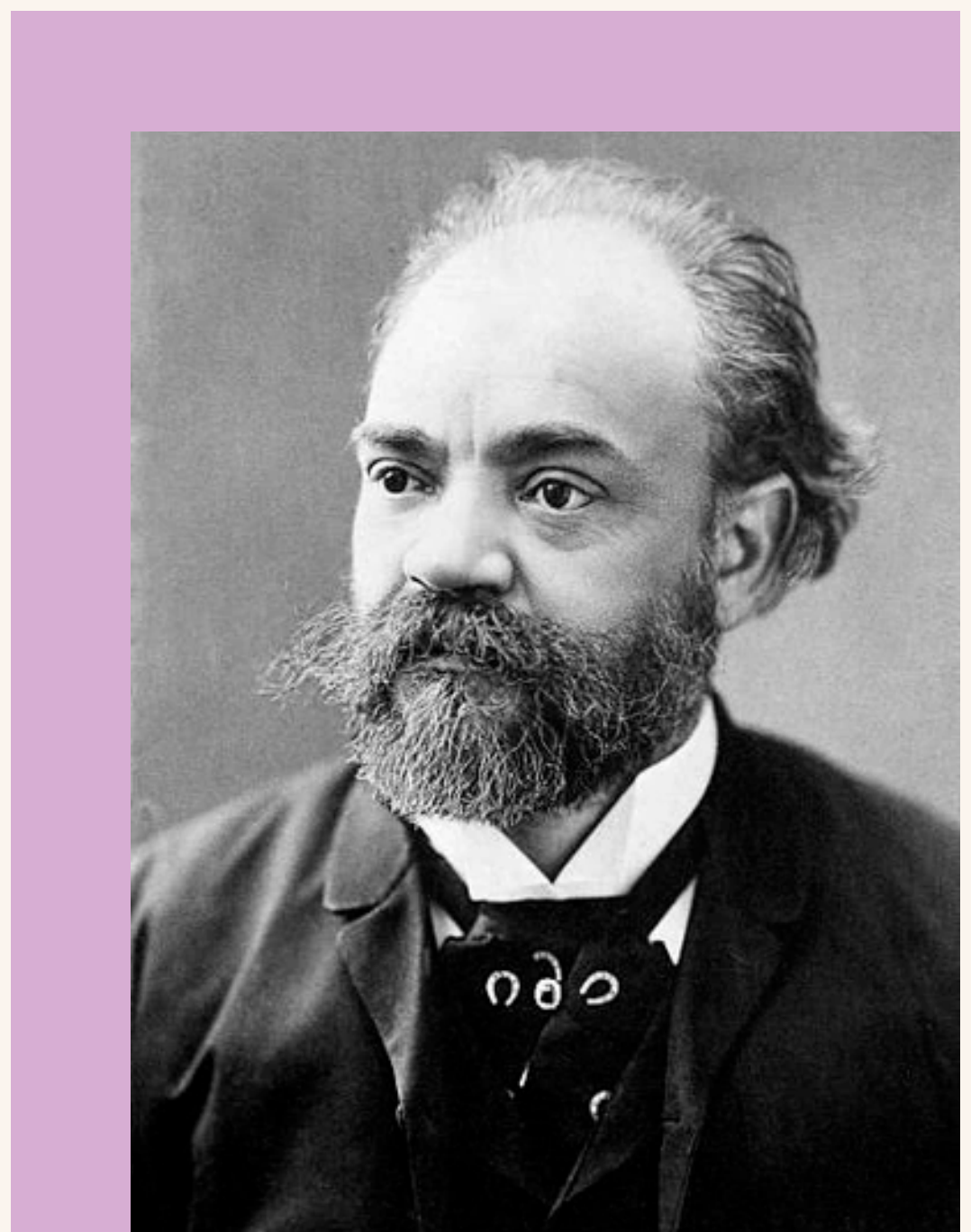
# David Popper

(1843-1913)



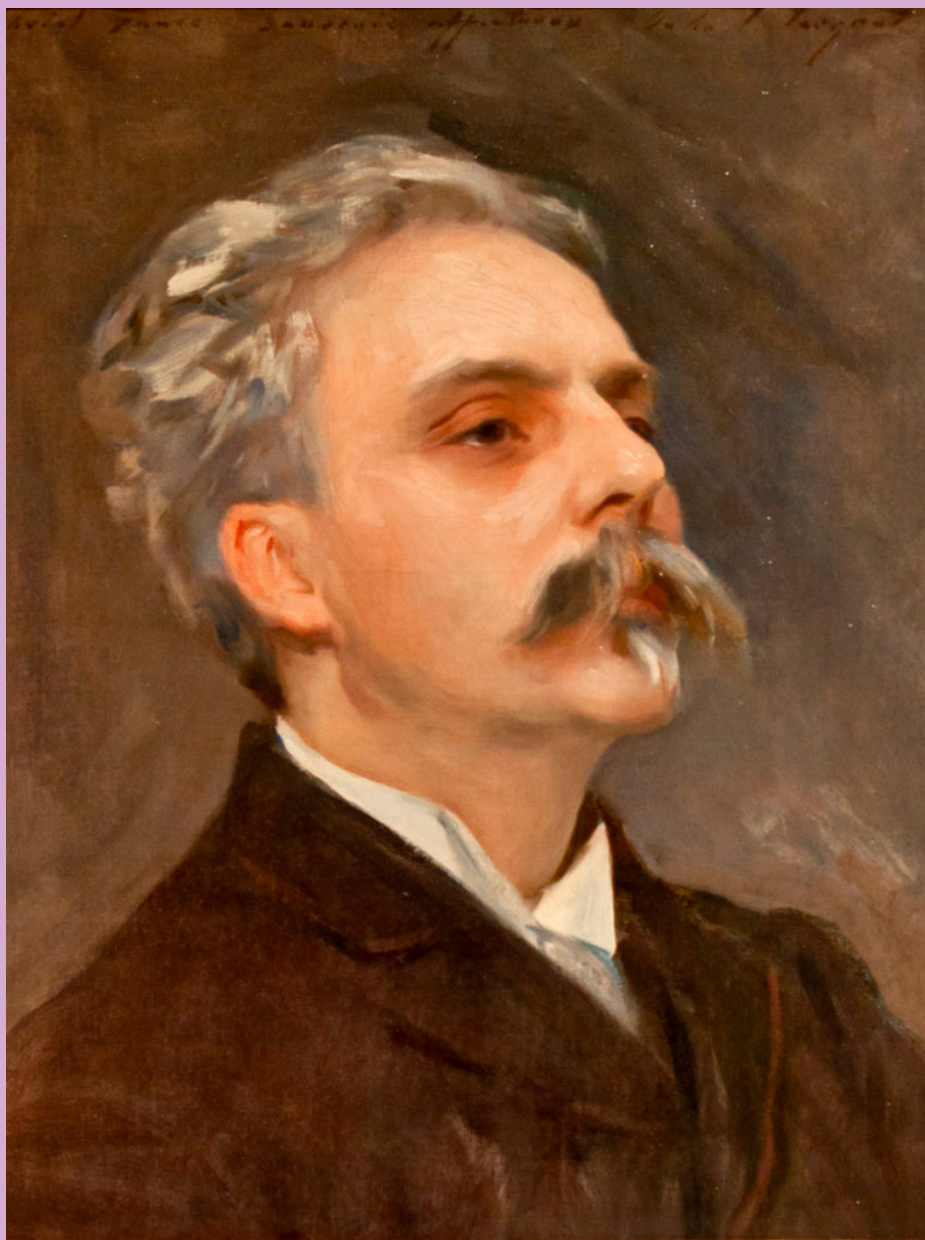
# Antonín Dvořák

(1841-1904)



# Gabriel Fauré

(1845-1924)



# Georges Bizet

(1838-1875)



# David Johnstone

(n. 1959)



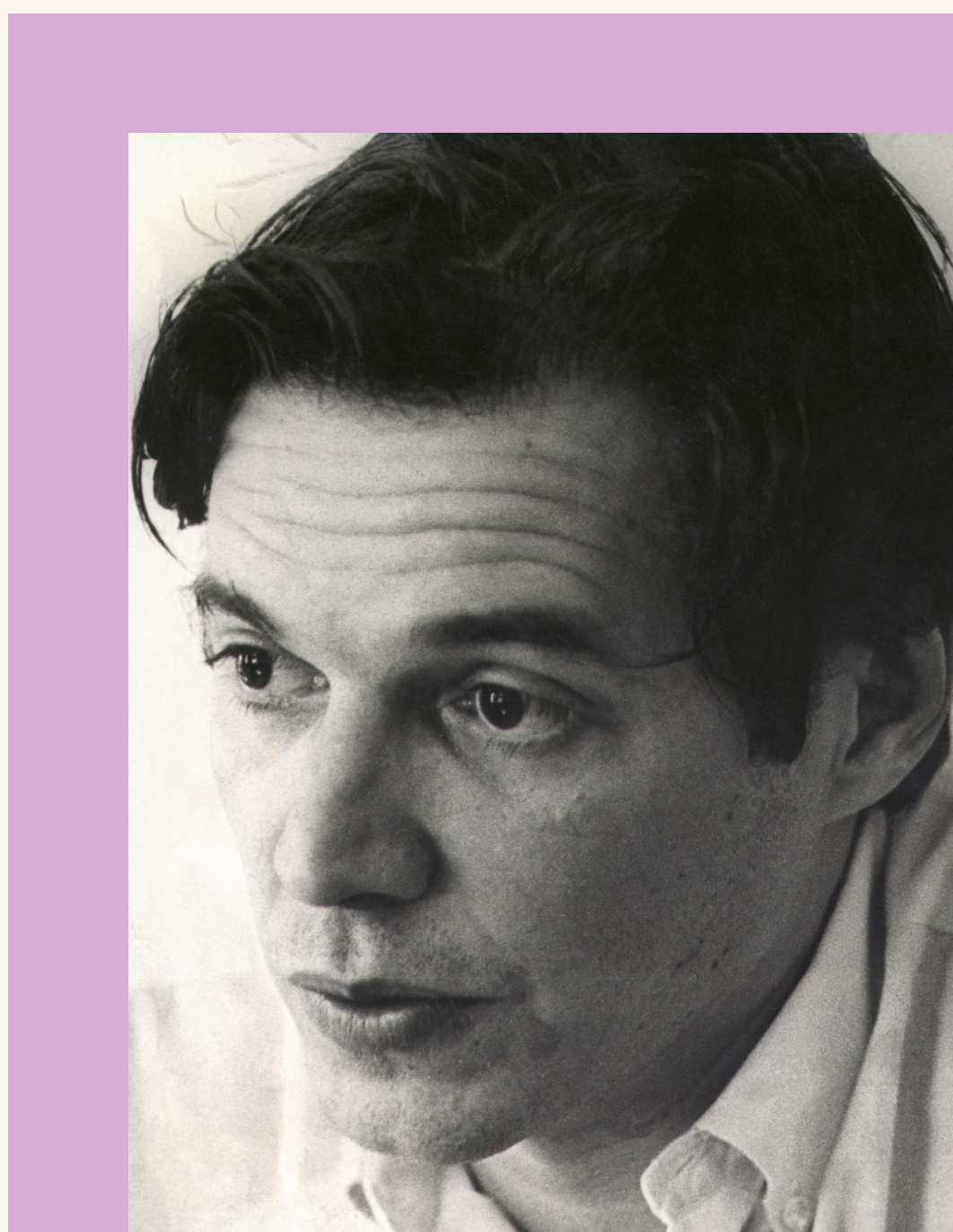
# Dmitri Chostakovitch

(1906-1975)



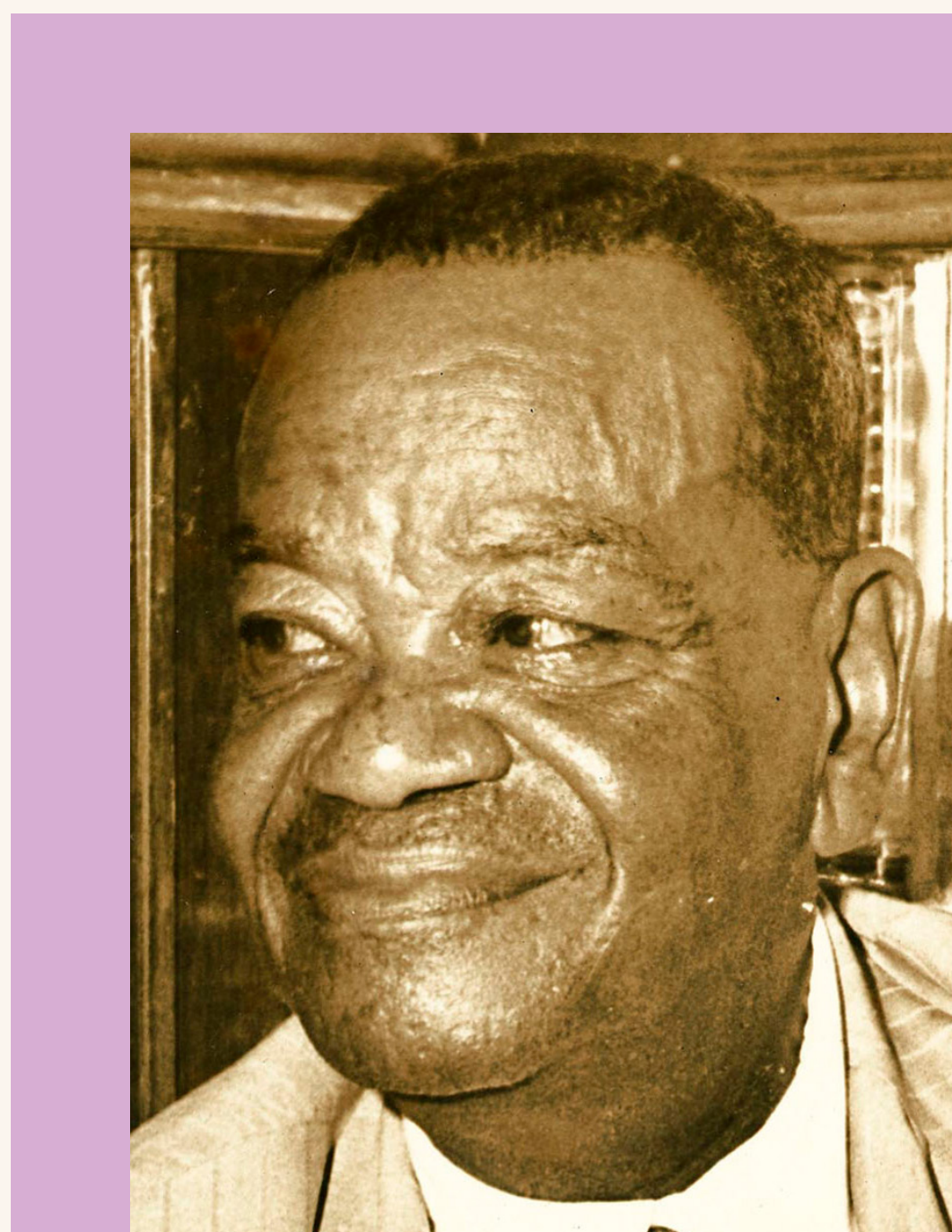
# Tom Jobim

(1927-1994)



# Pixinguinha

(1897-1973)



# Carlos Gardel

(1890-1935)





© DR

# Ajda Zupančič

## *Violoncelo*

---

Aluna de Ciril Skerjanec em Liubliana (Eslovénia), foi premiada em diversos concursos da ex-Jugoslávia. Estudou em Winterthur (Suíça), na classe de Susanne Basler e com Lluís Claret. Concluiu o mestrado em pedagogia instrumental na Escola Superior de Música de Lisboa na classe de Clélia Vital. Integrou diversas orquestras, entre as quais as de Jovens do Mediterrâneo, Gustav Mahler, RTV Ljubljana e a Régie do Porto. Foi vencedora do concurso Prémio Jovens Músicos, do Prémio Maestro Silva Pereira (1996) e, ainda, do Prémio «Doutor Ivo Cruz» (Concurso Júlio Cardona, 2001). Participou em múltiplos projetos musicais. Simultaneamente, tem-se dedicado à pedagogia, lecionando no Conservatório de Música D. Dinis, em Odivelas. Integra, desde 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa.



# João Matos

## *Violoncelo*

---

© DR

Iniciou os seus estudos aos 10 anos com Andrzej Michalczyk. Frequentou *masterclasses* com violoncelistas de renome, nomeadamente Frans Helmerson, Pieter Wispelwey e Amit Peled, entre outros. Colaborou com várias orquestras, incluindo a Orchestre de la Suisse Romande e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, além de ter sido convidado a integrar a digressão da Classical Chamber Concert Orchestra na China, como chefe de naipe, em 2017. Em 2013, concluiu a licenciatura em instrumentista de orquestra na Academia Superior de Orquestra Metropolitana. Em 2015, obteve o mestrado em interpretação musical – concerto, na Haute École de Musique de Genève. Foi professor na Escola de Música do Colégio Moderno. Atualmente, integra o naipe de violoncelos da Orquestra Sinfónica Portuguesa do Teatro Nacional de São Carlos.



# Luís Clode

## *Violoncelo*

---

© DR

Luís Canning Clode nasceu em Lisboa, em 1965, tendo iniciado os seus estudos musicais na Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Participou por três vezes na Orquestra de Jovens do Mediterrâneo. Fez parte da orquestra Nova Filarmonia Portuguesa. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou durante quatro anos, em Londres, na Guildhall School of Music and Drama, onde fez uma pós-graduação em *Advanced Instrumental Studies* com Leonard Stehn. Foi membro do Lusitânia Ensemble. É membro dos Madredeus. Foi professor nos Conservatórios das Caldas da Rainha, de Alhandra e de Tomar e na Escola Profissional de Évora. É membro da Orquestra Sinfónica Portuguesa, residente no Teatro Nacional de São Carlos e chefe de naipe da orquestra Sinfonietta de Lisboa.



© FÁBIO CUNHA

# Alexandre Alvarez

## *Violoncelo*

---

Alexandre Alvarez é violoncelista solista da Orquestra Sinfónica Portuguesa do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Desde muito cedo, apaixonou-se pela música graças aos seus pais, músicos e professores. Licenciado e com um mestrado em solista, ambos distinguidos com o Prémio Denis Mérignac e o Prémio Pierre Fernex, é também mestre em pedagogia, tendo prosseguido os seus estudos na Academia Jaroussky, onde teve a oportunidade de conhecer grandes mestres, como Gauthier Capuçon, Gary Hoffmann e Maria Kliegel. Durante os seus estudos, conquistou o 1.º Prémio do Concurso Glazounov e o 2.º Prémio do Concurso Tremplin. Apaixonado pela música de câmara, formou-se com o Quarteto Manfred, o Quarteto Voce, Jean-Jacques Balet e Gabor Takács-Nagy. O ensino e a composição são-lhe muito queridos. Transmitir é, para ele, um dever. A trajetória profissional de Alexandre Alvarez testemunha um profundo empenho pela música, aliando virtuosismo, pedagogia e criatividade.

## Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Sofia Meneses *Vogal*

### Direção Artística

Pedro Amaral

---

### Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

### Bilheteira online (BOL)

Pode adquirir os seus bilhetes online em <https://tnsc.bol.pt>

[www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt)



### Parceiros da Viagem de maio a junho

---

CCB

LISBOA CULTURA  
SÃO LUÍZ  
TEATRO MUNICIPAL



COLISEU  
PORTO ageas

CC  
Cidade do Rio de Janeiro  
CENTRO CULTURAL  
e Congressos



TEATRO  
ABERTO

SINTRA  
CÂMARA MUNICIPAL  
COM OS SINTRENSES SEMPRE

Centro Cultural  
Olga Cadaval

**opart**  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE

**TNSC**

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



MAI-JUN 2026



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

**idealista**

**ANTENA 2**

**HORTO**  
DO CAMPO GRANDE

*São Carlos em andamento*